

OS PRIMEIROS *FOLHETINS*

*Marco Antonio Maschio Cardozo Chaga*¹

Num texto anterior², destaquei os pressupostos editoriais que visavam a execução do "Projeto *Folhetim*", apontando também as razões pedagógicas e a veia esclarecedora que a publicação pretendia atingir. Neste sentido, o imperativo deveria ser a formação de um suplemento com a finalidade principal de proporcionar ao leitor uma massa de textos capazes de refletir e questionar a recente história brasileira.

Para efetivar o *Projeto Folhetim*, a *Folha de S. Paulo* contratou um dos fundadores e também ex-editor do *Pasquim*, Tarso de Castro. Na redação, ao lado de Josué Guimarães, Plínio Marcos e do cartunista Fortuna, esteve à frente dos trinta e cinco números iniciais, nos quais o grupo procurava traçar um perfil político e cultural, nesta ordem, para o *Folhetim*.

Vale registrar, em linhas gerais, a maneira pela qual foi organizado o material publicado pelo *Folhetim* em 1977. Com exceção dos números 48 e 49, que possuíam 16 páginas, o restante (do 1 ao 47) circulou com 24 páginas, sendo distribuídas mais ou menos assim: 5 a 7 páginas para uma entrevista central, 2 a 3 para uma entrevista secundária, 3 a 4 páginas dedicadas à ficção, 2 a 3 ao cartum, 2 a 4 aos informes, com apenas uma destinada à seção de cartas. Consta ainda a página assinada por Mário Quintana e outra reservada aos correspondentes internacionais.

Como o ano inicial do *Folhetim* pode estar apagado da nossa memória, vale lembrar o curioso ruído causado pela primeira mudança editorial. O fato ocorreu no final de setembro de 1977 (*Folhetim* n. 36). Neste exemplar, não constava, como era de costume, uma ficha que trouxesse o expediente da redação. Não há qualquer informação a respeito da mudança editorial, exceto o silêncio da última página. O número foi dedicado ao futebol, contendo uma extensa entrevista (9 páginas) com Garrincha. Neste caso, constituindo uma alegoria de 1970, o futebol seria acionado para talvez dissimular mais uma crise. Durante o ano de 1977, passaram três editores pelo *Folhetim*: Tarso de



¹ Bolsista de Doutorado — CNPq.

² Texto publicado no *Boletim NELIC*, n. 1.

Castro (do 1 ao 35), Aldo Pereira (do 39 ao 42) e Boris Casoy (do 43 ao 49). Os números 36, 37 e 38 circularam sem a ficha editorial. Apesar de figurar como editor ao lado de Tarso de Castro, Nelson Merlin tem um desempenho muito discreto, não participa das entrevistas, não publica textos e parece ser muito mais um chefe de redação do que um editor.

Nesta aproximação inicial daquilo que denomino, provisoriamente, de primeira fase do *Folhetim*, observo quais seriam os principais conceitos em jogo naquele momento. O mais visível resultado da combinação de fatores que vão do populismo à cultura de massas, passando pela perspectiva de esquerda — produzia um suplemento marcado por uma crítica (política, literária e cultural) paradoxal.

Cabe ressaltar que a circulação de conceitos, a que vou referir-me de forma genérica, poderia ser amplamente explorada se fosse examinada detidamente a partir do conjunto dos textos. Entretanto, não existindo espaço para elencar todas essas referências, vou-me deter em alguns textos que, mesmo isolados, sejam auto-sustentáveis e dotados de força suficiente para expressar as vinculações que estavam sendo construídas pelo *Folhetim*, principalmente por causa dos seus desdobramentos teóricos, que redundam numa exposição clara da práxis jornalística-cultural do período. Sendo assim, é fundamental observarmos alguns fragmentos da entrevista concedida por Jorge Amado a Josué Guimarães, que podem auxiliar no esclarecimento da tendência crítica-social e literária do suplemento.

A crítica se coloca sempre contra. (...) E eu me honro muito da estima que tem por minha obra certos leitores da mais alta qualidade intelectual — não vou citar nomes — mas até que poderia falar num Alceu, por exemplo, num Antonio Houaiss ou num Antonio Candido, por exemplo. E de ser, além disso, um escritor que qualquer homem do povo pode ler e entender. (...) É um privilégio que hoje estamos pagando caro, nós os homens que estamos criando no Brasil literatura e arte. O pau está cantando nas costas de todos, mesmo nas costas dos pobres meninos como Gil e Caetano, coitados, levam pau dia e noite, uns meninos que tem por trás deles toda uma criação de beleza, de grandeza de uma força popular imensa que marcou um momento no Brasil. Eles representam grandes símbolos de luta do povo brasileiro. (...) É preciso que você tenha confiança no povo e que saiba que o povo vai para a frente e que não está morto, que não está liquidado. Uma coisa é você fazer literatura assim e outra é você se trancar no gabinete, ler livros e querer criar personagens, falar da angústia do povo e da coisa (sic) que você nem conhece³.

³ Jorge Amado. *Folhetim* n. 43, p. 2-5.

Quase no final da entrevista, Josué Guimarães intervém: "Eu também sou da mesma opinião, estou inteiramente contigo, penso assim"⁴.

Tendo sido publicada no número 43 (o primeiro sob a direção de Boris Casoy), esta entrevista reforça a hipótese de que o perfil ou o regime de concessões do *Folhetim* desenvolvido por Tarso de Castro continuava a prevalecer através de seus antigos colaboradores. Elaborava-se assim um amálgama composto pela práxis "marxista" e a elaboração de uma crítica literária realista (populista e de massa). Esta composição, entretanto, deixa de causar estranhamento quando verificamos mais detidamente como seriam articuladas as vinculações teóricas do *Folhetim*.

Estas passagens ilustram com propriedade a postura que predomina no suplemento. A admiração do corpo editorial por Jorge Amado converteu-o em um dos autores mais citados neste primeiro ano do *Folhetim*. Érico Veríssimo e, disparadamente, Jorge Amado funcionaram como paradigmas estéticos, que visavam à credibilidade e à respeitabilidade, garantindo uma tradição de sucesso popular. Embora exista uma diferença clara entre o funcionamento destes dois paradigmas: enquanto Jorge Amado preenche uma lacuna teórica invisível, já que seus textos não aparecem; Érico Veríssimo possui uma página fixa durante quase todo o primeiro ano, tornando-o a presença mais visível.

Por outro lado, mas não em sentido inverso, o Tropicalismo garantiria a ampliação do público. Evidentemente, o espaço singular de Chico Buarque estava garantido, mas, neste caso, a filiação era de origem política, pois era lugar comum nas afirmações das entrelinhas que o comprometimento político do compositor possuía raízes históricas. Também a Bossa Nova possuía seu lugar de reconhecimento, mas quantitativamente muito inferior, embora quase sempre associado ao Tropicalismo.

Ao mesmo tempo, ao Tropicalismo foi atribuído e assegurado o espaço paradoxal do sincretismo cultural: da Indústria Cultural e da Cultura Popular. Da mesma forma que Jorge Amado procedia com a literatura e derivado do seu apadrinhamento, o movimento era muito mais temido pelos seus pressupostos "imorais" de contestação da ordem familiar, que por posicionamentos de oposição ao regime. Numa palavra, foi o poder de mercado de Jorge Amado e a Indústria Cultural que abririam as portas para o Tropicalismo no *Folhetim*. Coerente com os ideais do seu editor, os primeiros *Folhetins*

⁴ Josué Guimarães. Id., p. 5.

não trouxeram nenhuma referência ao Concretismo paulistano, reservando, por duas vezes, espaço ao Neo-Concretismo carioca.

Em segundo plano, a crítica social divulgada através do *Folhetim*, por ser demasiado direcionada pelos componentes descritos acima, não oferecia espaço às possíveis respostas que pudessem estar sendo formuladas em outros termos que não fossem nos moldes da esquerda patrulhada e patrulhadora. Sendo assim, outras formulações não foram bem vindas, pois seriam acadêmicas, alienadas ou diletantes quaisquer posturas que não estivessem vinculadas aos ideais e às palavras de ordem. A questão da representação popular estava em primeiro lugar.

A literatura que circulou no *Folhetim* obedeceu ao mesmo princípio norteador que divulgava o produto da época: o Tropicalismo. Parece mesmo fazer parte de um projeto de literatura popular nos moldes de Jorge Amado, mas sem o mesmo sucesso. Dessa forma, o realismo social e mecanicista preponderante nos textos ficcionais — de Josué Guimarães, Plínio Marcos a Tarso de Castro — tornava-os parte de uma produção excessivamente datada e os impedia de continuar a comunicar-se com outros textos, para não dizer outras temporalidades. Criados para atacar o sistema repressor, os textos literários se tornaram enclausurados sobre si mesmos, parecendo não mais conseguir produzir outros sentidos.

Se esta primeira aproximação estiver correta, apesar de mais recorrente (quantitativamente), o "cultural" aparece escamoteado, convertendo-se numa espécie de apêndice do "político". No mesmo sentido, observa-se uma grande abertura às reportagens e às entrevistas, sob a rubrica televisão. Entretanto, faltavam componentes de análise e de interpretação aos textos, pois na maioria das vezes, os redatores esbarravam no espírito comemorativo do advento da televisão, resultando em elogiosos artigos a respeito dos programas de auditório, de variedades, como o Chacrinha, a Praça da Alegria ou o Chico Anyzio.

Por outro lado, o *Folhetim* apresentava as "personalidades", mesmo não tendo maiores preocupações em refletir sobre os assuntos tratados. Pode-se objetar que a censura não permitiria tais abordagens; todavia, vai-se ao extremo oposto, e o exercício do jornalista se converte, essencialmente, num trabalho descritivo.

Durante o tempo em que Tarso de Castro editou o *Folhetim*, para citar apenas os casos de maior destaque no campo político, podemos dizer que aconteciam celebrações em torno dos jovens políticos filiados ao MDB. Paulo Brossard, Pedro Simon (MDB gaúcho) e Paulo Pimentel (MDB Paraná) mereceram ampla apresentação

nacional — nas páginas iniciais e mais importantes. Foram três longas entrevistas, as quais tratavam basicamente da oposição e da liderança que eles exerciam no Congresso Nacional. Numa escala secundária, houve lugar para Florestan Fernandes falar um pouco de sociologia e Fernando Henrique Cardoso, na época à frente do CEBRAP, falar das desigualdades sociais. Além dessas entrevistas, deve-se destacar a existência de um número inteiro dedicado a Getúlio Vargas. Se o primeiro plano das preocupações editoriais era o "político", quantitativamente maior foi o espaço destinado ao "cultural", que constituía uma extensa rede de textos nada preocupados em interpretar os ditos fenômenos de massa. Talvez em virtude da existência de um corpo fixo de jornalistas, de uma redação própria, a produção das entrevistas a partir de questionários modulares que buscavam traçar trajetórias biográficas, ao invés de explorar o potencial do entrevistado, convertia-se, às vezes, num exercício cansativo para o leitor: rigorosamente, a repetição desta fórmula transformava a maior parte destas entrevistas em enquetes. O fato de o *Folhetim* possuir um quadro fixo de jornalistas impedia, nesta primeira fase, o surgimento da figura do colaborador. O resultado da implementação deste tipo de "mídiação", mais conhecido como reportagem, além da criação da figura do jornalista cultural, também fornecia meios para o surgimento de situações insólitas: por exemplo, não é o texto de Fernando Henrique Cardoso que aparece publicado, mas sim um perfil que não se justifica dentro das expectativas do próprio Jornal, ajustando-se perfeitamente numa seção de comportamento de qualquer outra publicação.

Finalizando, gostaria de chamar a atenção para o *Folhetim* número 41, cuja capa apresentava (ou ao menos pensa-se isso) Carlos Drummond de Andrade. O número deveria, ao que parece, comemorar o aniversário de 75 anos do poeta. Abrimos esse exemplar e nos deparamos com uma reportagem de Dirceu Soares de três páginas sobre Sidney Magal. Finalmente, nas duas páginas seguintes surge o "texto" de José Antonio Nonato, com pouco mais de uma lauda, no qual ele explica que não havia sido possível "entrevistar" Drummond. Desta forma, o autor da "Morte do leiteiro"⁵ escapou de uma enquete. Esta passagem, se colocada ao lado das diretrizes iniciais do suplemento, demonstra bem o espaço ocupado pela literatura brasileira não filiada aos ideais populares. Em decorrência da construção desta cena cultural, parece que, do ponto de vista da *Folha de S. Paulo*, o Projeto *Folhetim* continuava inacabado porque não

⁵ Texto publicado na página onde deveria aparecer a entrevista, e que inaugura a presença de Carlos Drummond de Andrade no *Folhetim*.

produzia uma reflexão capaz de fornecer "esclarecimento" ao leitor. Pelo contrário, iniciava a criação de seus próprios mitos.